

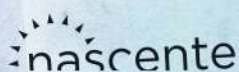
CRISTINA LEAL

Autora de *Amor Entre Nós* • Mentora do Livro de Elogios®

ASAS DE MULHER

**Do amargo sabor da solidão
ao glorioso prazer da solitude**

INSPIRADO
EM FACTOS REAIS

nascente

*A ti, Duarte, meu neto,
pela forma inocente e pura com que me
ensinaste a permanência do Amor,
na dura e implacável impermanência da vida.*

*A ti, Constança, neta querida,
arco-íris brilhante depois da tempestade.
Pela esperança com que aconchegas a minha vida,
e pela imensa luz que esse teu sorriso me traz.*

*A ti, Cláudia, minha filha, mulher, mãe, minha melhor amiga.
Pela resiliência das tuas asas, pela nossa cumplicidade,
e pelo infinito amor com que amaciamos diariamente as nossas vidas.*

Prefácio



A coreografia entre emoções, reflexões, movimentos e factos da vida no feminino é, muitas vezes, tarefa árdua.

Tenho a sorte de ter acompanhado o desenvolvimento e crescimento da autora nos campos da consciência, do desenvolvimento pessoal e como escritora.

Nesta sua terceira obra, a Cristina faz pontes ainda mais intimistas entre o desejo de não estar só, a vontade de correr para um ideal, o desespero dos imprevistos da vida e a evolução do contacto com o que de mais profundo temos dentro de nós.

As personagens principais são tão distintas na sua expressão e tão similares enquanto seres humanos que navegam entre a dor, o sofrimento, o amor, o desejo...

Todas nos convidam a uma viagem sem retorno no rio das emoções da vida e em quão loucas, maravilhosas, desesperantes, vitalizadoras e reveladoras de nós próprios podem ser as relações humanas.

De facto, a nossa correria desesperada para sermos especiais para alguém, para assegurarmos de alguma forma a permanência e não cairmos na nossa fantasia de morte e de vazio, leva-nos a uma espiral de movimento nessa direcção, que pode ter custos bem altos, em detrimento da possibilidade de contacto com o mais profundo de nós e, quem sabe, de finalmente concluirmos que nos amamos profunda, clara e conscientemente, já sem barreiras.

A escrita da Cristina entrelaça a história que «entoa» e a pedagogia da sua mensagem para contactar com o que de melhor há em nós e com o melhor que há-de vir para nós... Tão diferente que pode ser e tão confuso quando o sofrimento nos inunda e nos deixamos submergir com a urgência da «solução».

A descrição dos detalhes, das personagens, do momento, assim como do sentir das histórias que se seguem, poderia ser de cada um de nós.

Recomendo a leitura desta obra às mulheres, para se «adentrarem» na sua intimidade, assim como para distinguirem entre «sentir-se só» e «estar só», com honestidade, bem como aprenderem também a acolher o masculino desde algum lugar dentro de si, menos carente e mais maduro.

E, na hora da despedida, quando assim for, que consigam recolher o aprendizado e agradecer o tempo passado juntos.

Recomendo a leitura aos homens para, da mesma maneira, se «adentrarem» no seu interior e descobrirem que dialogar, acompanhar e contactar com os seus recursos internos, na relação, é toda uma viagem cheia de maravilhosos resultados também, para a mulher que amam ou para quem está a dizer adeus e a agradecer esta partilha da sua vida.

Que nos seja possível a todos cuidarmos das nossas Asas...

Muito grata, Cristina, pelo teu convite e por esta viagem.

Desfrutem da leitura.

Eu já o fiz.

MARIA DEL MAR CEGARRA CERVANTES

Psicóloga clínica, psicoterapeuta em biossíntese e escritora

Parte I



VERDADE A QUANTO OBRIGAS

1

Adivinho uma mudança.

Parece que já vivi mil anos e, talvez por isso, conheço de cor os seus sintomas, o seu cheiro, a sua tonalidade.

Sei que uma parte de mim geme, assustada. Outra, no entanto, parece acreditar na inteligência da Vida, só ela capaz de gerar mais Vida através do implacável desafio que é deixar ir o que nada me acrescenta nem me faz crescer.

Fui aprendendo a temer menos as partidas e a arder menos com as chegadas, essa é que é essa. Ainda assim, sei que o meu corpo acusa a saúde desta relação com o Vasco.

— Ina, já ouvi. Sempre a mesma conversa, estou farto. Não queres por acaso mudar o disco?

Nem tu sabes o quanto quero mudá-lo. E o bizarro nisto tudo é estar cada vez mais consciente de que ele vai mudando dentro de mim.

Começo a aceitar que não adianta mais falar, pois nada se altera.

Há muito que o Vasco optou por dormir no sofá, com a desculpa de que adormece a ver televisão. Eu, que sempre gostei da intimidade do sono, fui sentindo a sua ausência noite após noite, e, no início, foi muito difícil de suportar. Depois, como dizia a minha sábia avó, vamo-nos habituando e, apesar da tristeza que a mim se cola por não me sentir desejada, a verdade é que já não rebolo na dor como antigamente fazia.

Ultimamente, temos pouco tempo juntos. Ele passa o tempo a trabalhar, o que, muitas vezes, lhe ocupa serões e fins-de-semana.

A Leonor, amiga e ex-vizinha, afirma que fui caçada pelo karma dos informáticos, comparando o Vasco ao seu ausente marido e sentindo-se menos só quando falamos sobre isso.

Mas, comparações à parte, cada vez mais valorizo aquilo que sinto.

Sei-o distante, incapaz de me ver, de me sentir e de conseguir captar de forma mais profunda quem eu sou.

— Achas que me fica bem esta camisola? — pergunta, indignado, olhando para a barriga que começa a acusar os chocolates que devora em frente ao computador.

— Sim, mas se queres emagrecer terás de fazer por isso.

— Pronto, começou a acusação.

— O que é que se passa, Vasco? Só reages, reages... Estou cansada da tua infantilidade. Será que não conseguimos ter uma conversa?

O seu sobrolho levanta-se, desconfiado, e o seu olhar parece fugir de si próprio, revelando em segundos que não está para conversas nenhumas. Muito menos se elas servirem para falar da verdade da nossa vida em comum.

— Lá estás tu com essas coisas, Ina, logo agora, que estou a terminar o trabalho que o Leonel me pediu para entregar hoje.

— Tens sempre qualquer coisa para fazer — respondo, enfadada, com a voz fraca de tanto investir e insistir naquilo que a minha alma já sabe que será para... desistir.

Reparo que a tinta da parede ao pé da porta está a sair e, em segundos, sinto que tudo envelhece. Tudo acusa tempo, tudo se enruga, tudo precisa de renovação, até a parede que parecia ter sido pintada há tão pouco tempo. É que pouco tempo podem ser anos.

Sei-me muitas vezes refém dos meus pensamentos.

Mecanizada, vou fazendo as coisas acontecerem sem me aperceber que o faço. Agora mesmo, dei comida e água ao cão, peguei

nas chaves, no telemóvel e na mala e só parei quando esbarrei com a porta da rua, cujo pó, ontem, a Deolinda, que eu adoro, ignorou mais uma vez.

Mas com pó ou sem ele, a porta da entrada é a mesma da saída.

Sei que chegará o dia de sair da vida do Vasco pela mesma porta por onde entrei: a porta aberta que é o meu coração.

Ao pensar nesta possibilidade, sinto um ligeiro aperto no estômago, mas não verto uma única lágrima, o que parece ser a antítese da Inês dos velhos tempos: chorona, emotiva e ultra-sensível, cujas relações eram verdadeiros campos de batalha, de onde, geralmente, saía ferida com gravidade e bastante necessitada de cuidados intensivos.

Hoje, tudo isto é bem diferente.

Não se secam lágrimas com lenços de pano nem tão-pouco de papel, mas, sim, com vida vivida e dor atravessada. Os meus olhos sabem-no bem. Talvez por isso tenham aprendido a não as conter, mas também a não fazer delas meros desperdícios, incapazes de honrar as dores profundas por que já passei.

Chorar faz bem, é certo. Mas já não é qualquer coisa que me arranca dos olhos esta «água benta» que, ao longo da minha vida, tanto me tem acompanhado.

2

Não acreditava que a Leonor me estivesse a ligar às oito da manhã de domingo.

— Bom dia, querida! Passa-se alguma coisa?

Os seus soluços trespassavam as palavras, e foram precisos alguns segundos para eu conseguir escutar o que dizia:

— O Ricardo saiu de casa.

— O quê? — perguntei, engolindo em seco.

Olhei para as frestas da persiana, que acusavam um dia lindo de sol, e saltei da cama, cambaleante, embalada pela tristeza da Leonor.

Assistir a uma separação sempre teve um efeito devastador em mim. No fundo, sei que nada disto tem que ver com os outros, mas sim com a dor que senti quando me separei do Jean-Pierre, o meu segundo «marido», com quem vivi os melhores e os piores momentos da minha vida. Apesar de saber que tudo aquilo era uma mentira pegada, não deixo de sentir a dureza do caminho que todos temos de percorrer até chegar à verdade.

— Diz que se apaixonou pela professora de ioga que conheceu há três meses — soluçava a pobre da Leonor, perdida dela própria, ao ver o «pintas» do Ricardo, ofegante e desesperado para se embeber livremente na sua nova paixão, a sair assim tão de repente, deixando-lhe no colo aquele amor órfão e desprotegido que, como um filho, a Leonor sempre se esgotanhou por cuidar e proteger.

— Oh, minha querida, queres que vá aí ter contigo?

Incapaz de me ouvir, os seus soluços eram como cavalos à solta a que nenhuma de nós podia pôr rédeas.

— Lembras-te do que eu te disse? Agora, que já está de bem com a vida, arranjou maneira de me deixar.

E continuava:

— Quando apareceu aqui, de asinha partida, sem ter onde cair morto e sem trabalho sequer, fui eu que o socorri, que o ajudei a reparar as marcas dos tombos que dera, que o ajudei a pagar a merda das dívidas. E eis agora a sua atitude: pirar-se, assim do nada, com a professora de ioga que conhece há três meses...

Interrompi com doçura:

— Queres que vá ter contigo, querida?

O choro agudizou-se, e senti que ela precisava de deitar para fora toda aquela revolta que, ainda a quente, estava a sentir.

— Não, não venhas! Só precisava de desabafar. Agora, quero mesmo ficar sozinha.

E desligou, como se o simples acto de contar o sucedido lhe tivesse embalado e minimizado a dor.

Ficar sozinha aos 45 anos era tudo o que a Leonor menos queria. Enredara-se naquele casamento até à exaustão. Procurava diariamente razões para ficar, quando sabia perfeitamente que já não era ali o seu lugar.

— O Ricardo é um bom homem — repetia vezes sem conta nos almoços divertidos com a Sandra e a Matilde.

E, convicta, dizia que ele nunca seria capaz de a trair, como o seu primeiro marido tinha feito.

— Olha que as ilusões pagam-se caras, e tu estás sempre lisa — dizia-lhe a Sandra, na brincadeira.

De facto, o tempo, mais tarde ou mais cedo, encarrega-se de repor a verdade. Hoje sei que, por mais crua e amarga que seja, o seu sabor torna-se sempre, com o passar dos anos, mais doce do que qualquer mentira.

«Vivo com alguém de quem tenho saudades. Hoje, sei que a solidão na companhia é a mais monstruosa das solidões», escrevia eu num dia em que o meu ilusório caminho cor-de-rosa tinha, de repente, mudado de cor.

Aprender a estar só não é viver na solidão.

Anos a fio, a Leonor escusou-se a entrar em casa e reconhecê-la vazia. O que ainda não podia saber é que um homem em casa não é sinónimo de casa cheia, nem tão-pouco de companhia.

Vai ficar menos só, acredito. Mas não é já.

Terá, agora, de atravessar um longo e árduo deserto. Nele será confrontada com os seus próprios fantasmas, os seus recônditos medos, mas também com a certeza de que tudo faz parte de um processo gigantesco, onde chegar ao céu implica sempre descer ao inferno — mesmo que nem sempre dê grande jeito, mesmo que nem sempre esse caminho se faça como mais se quer, mesmo que se queiram manter mentiras, quando já se sabem verdades.

3

Lá fora, o vento parece determinado em revelar a impermanência das coisas.

Já no chão, as belas e perfumadas flores roxas aguardam agora os pés insensíveis de quem, apressado, as pisa, ignorando a sua beleza, ou a pá afoita do homem do lixo que, num ritual de simplicidade, as levará até ao seu destino.

Até o que é belo não tem como durar para sempre.

— Dra. Inês, está cá? — perguntou, com um sorriso, Joaquim, o pândego velhote do café, erguendo-se como uma estátua à minha frente.

— Vai o cafezinho da ordem?

— Há dias assim, Sr. Joaquim. Ora, traga lá esse café para ver se acordo.

Inundou-me um sorriso interior, enquanto fingia olhar para o fútil programa televisivo da manhã, que alimenta diariamente uma boa parte da nossa população.

Sei que não se acorda de um dia para o outro, apesar de pensarmos que acordamos só pelo simples facto de não estarmos na cama a dormir. Mas «acordar» é muito mais que isso. Acordar supõe caminhar muitas vezes descalçando os sapatos que já nos magoam os pés, apesar de poderem parecer cómodos e de até nos darem um «bom andar».

Acordar é ousar sair do sono que são os nossos medos, as nossas crenças, as nossas eternas expectativas e ilusões.

Eu sempre fui perita em crenças, expectativas e ilusões. Pareço ter vindo ao mundo com o chip da paz, da confiança e da concórdia, o que, apesar de não fazer de mim santa nenhuma, me colocou muitas vezes, ao longo da vida, em situações em que pareço estar desajustada com o elevado nível de azedume dos humanos de hoje em dia.

E, ao contrário do que muitos podem pensar, a universidade e o curso de Psicologia, na altura, contribuíram ainda mais para esta inadequação.

— Ó Inês, a menina veja lá, agora, se desata pra aí a identificar-se com os pacientes todos, que isso não é suposto, ouviu? — repetia, assustada, a professora mais convencional que algum dia por mim passou.

A Dra. Ricardina de Carvalho, como queria ser tratada, não se poupava a esforços para doutrinar as suas futuras psicólogas pela cartilha da distância e da não-identificação.

Durante o estágio pude assistir a algumas das suas consultas. Frente ao relógio, cumpria escrupulosamente a hora exacta que «dedicava» a cada paciente. Não dava um simples beijo e, em vez disso, esticava a mão, mole, e abanava-a freneticamente, fingindo assim dar um aperto de mão sincero a quem chegava e saía do seu consultório.

A sua pele esbranquiçada fazia-lhe sobressair a mise de rolos, que lhe colocava o cabelo muitos degraus acima da testa alta e sempre franzida.

Sempre de saia-casaco a condizer, caminhava aos saltinhos para conseguir gerir o incómodo dos imensos saltos finos, que lhe acrescentavam, pelo menos, mais meio metro de altura e que foram certamente responsáveis pela sua alcunha: *Torre Eiffel*.

Nada nela parecia estar fora do sítio, a não ser... ela própria. Nunca a vi exprimir nenhum sentimento. Não tocava, nem num

simples gesto de ternura, e muito menos abraçava, como para mim fazia sentido.

Um dia, falei-lhe sobre a minha forma de ver o processo terapêutico e da certeza que sempre me acompanhou de que é preciso amar por inteiro cada pessoa que chega até nós, ajudando-a e amparando-a com ternura no seu caminho. Muitas vezes, um simples abraço pode mudar tudo.

— Com o tempo, a menina vai ver que é importante mantermos as distâncias... Vá por mim — dizia-me, convicta do seu brilhante percurso académico.

O que é facto é que já lá vão 20 anos, e o tempo ajudou-me a ver com mais clareza, é verdade, mas não como a Dra. Ricardina fez questão de me ensinar.

Aprendi a ver não através dos manuais, mas sim através do coração. E, quando se vê através dele, tudo surge naturalmente. Deixa de haver espaço interior para nos pensarmos e pensarmos quem nos procura, e passa a existir apenas vontade genuína de criar laços, que irão contribuir de uma ou de outra forma para um caminho comum, seja ele de cariz terapêutico ou não.

As minhas consultas em nada diferem da minha própria vida.

Gosto de abraçar e de escutar a riqueza contida em cada um de nós.

Mas, na verdade, nada até hoje teve mais impacto e magia que o poder curativo do amor gerado pela identificação. Essa velha história da faculdade, em que o terapeuta não se deve identificar com o paciente, e vice-versa, tem os dias contados. (Confesso que também nunca percebi, e sempre detestei, esta mania de chamar «pacientes» às pessoas, especialmente porque de pacientes nada têm; antes pelo contrário, até se impacientam bastante, pelo menos aqueles que, ao longo destes anos de consultório, têm chegado até mim.)

— Ó doutora, diga-me lá, agora, que faço eu da minha vida? Se eu soubesse Beatriz, se eu soubesse...

— Sabe, Beatriz, há momentos em que é ao contrário: é a vida que faz por nós.



Para além dos meus pensamentos, o vento continua lá fora.

As flores roxas rodopiam numa dança melódica, sem se importarem com os pés insensíveis que certamente as irão pisar ou com a pá afoita do homem do lixo.

Pouso a chávena ainda quente.

Percebo-me, tal como as flores, no meu ritual de simplicidade.

Sinto-me exausta.

E o dia ainda nem começou.

4

Hospital de Santa Maria, nove da manhã.

A mãe da Matilde foi internada de urgência; a Matilde, muito assustada, pediu-me que viesse cá ter com ela.

Há muitos anos que repete «tudo-me-cai-em-cima», frase que entre nós, amigas, se tornou já a sua imagem de marca. Na semana passada, fartámo-nos de rir com a história da vizinha do 6.º andar, que deixou cair duas molas de roupa precisamente em cima da sua cabeça, a ponto de uma delas a ter feito sangrar.

Mas eu, que a conheço há muito, sei que o seu sangramento é existencial e que a sua vida reflecte bem a profunda mágoa que sente de, aos 42 anos, nunca ter tido filhos, nem marido, nem os pais com que sempre sonhou.

Profissionalmente, não gosta do que faz, e continua não só a acreditar que tudo lhe cai em cima como também que a sua vida está «emperrada» — pois talvez tenha nascido com uma espécie de maldição que, com os anos, só tem vindo a aumentar.

A verdade é que esta «maldição» em que acredita, e que nada mais é que a crença que tem sobre a sua própria vida, tem vindo a aumentar a sua inadequação, os seus estados depressivos e, principalmente, o seu peso. Já experimentou todas as dietas do mercado, e nada funciona, segundo ela.

— Que tal experimentares uma dieta mental? — sugeri-lhe, num dos dias em que não parava de se queixar da sua vida.

— Vê-se mesmo que és magra, Ina, caso contrário, não dirias isso — respondeu, sem perceber realmente do que estava eu a falar.

Mesmo quando se trata de amigas, a vida tem-me ensinado que cada uma tem os seus tempos e os seus processos. Dar-lhe-ei sempre a minha opinião, que, no fundo, é o meu sentir, mas não posso nem quero mudar ninguém.

Posso até ver luz onde ela só vê escuridão, posso perceber com clareza que ninguém emagrece a enfardar doces, batatas fritas e pão com manteiga, posso saber que, para que a nossa vida mude, primeiro temos de aceitar mudar com ela, fazendo escolhas sem medo de que elas estejam certas ou erradas — pois, na verdade, não há certo nem errado, apenas caminho que nos aproximará ou afastará de nós mesmos e do nosso verdadeiro potencial.

Assumir a responsabilidade da nossa própria vida é muito mais que pagar as nossas contas.

Sei que, um dia, ela irá perceber.



Cheira-me a hospital.

Foi aqui que, um dia, estive um mês internada, com uma apendicite que quase me matou. Se há cheiros que nos ficam para sempre gravados no corpo, este é um deles.

A Matilde tem o telefone desligado, o que me faz percorrer as dezenas de olhares que ali permanecem, muitos deles moribundos de esperança, de afecto, de certeza.

Das macas paradas nos corredores, ouvem-se alguns gemidos:

— Sra. enfermeira, ainda demora muito?

— Outra vez a mesma pergunta! Tem de esperar...

Esperar o quê? O metro?, pensei, contendo-me para não falar.

Aproximei-me daquela mulher de cabelo branco ondulado e agarrei-lhe levemente a mão. Olhei-a nos seus imensos olhos verdes, nos quais a erosão do tempo não se fazia notar, e neles percebi o brilho do amor que ainda tinha para dar.

— Vai ver que está quase.

— Quem é a senhora? — perguntou, surpreendida, talvez com receio de não se lembrar de mim.

— Sou alguém que a achou muito bonita e que teve vontade de falar consigo.

Uma lágrima escorreu-lhe pelo rosto.

— Sabe, sou sozinha no mundo. Não tenho ninguém. Se não fosse o lar que me trouxe hoje, aqui, porque estou cheia de dores, já cá não estava de certeza...

— Como se chama, diga-me lá? — perguntei, enquanto afa-gava a sua mão seca.

— Aurélia. E a menina?

— Inês, mas costumam chamar-me Ina.

Um sorriso iluminou-lhe o rosto.

— Obrigada. Deus a abençoe, menina.

— Obrigada eu, Auré...

— Pode chamar-me Aura, é assim que sou conhecida. Era o nome que a minha mãe me queria dar, mas, na altura, não deixaram...

Continuava a sorrir, os seus olhos brilhavam e o seu cabelo parecia até mais branco.

— Obrigada, então, Aura, por este belo momento que aqui vive-mos as duas. Posso saber em que lar está para poder ir visitá-la?

— Sim, claro. Nossa Senhora da Conceição, aqui mesmo, em Lisboa.

— Prometido. Em breve, lá estarei.

— Obrigada — disse, com carinho, beijando-me as mãos.

Aurélia Maria dos Santos Martins, Medicina Geral, gabinete 3, sala 5 — ouviu-se de forma quase estridente.

— Olhe, sou eu.

— Está a ver? — E sorri-lhe com ternura.

Quem espera sempre alcança, lá dizia a minha avó. E, pelos vistos, era a minha vez de esperar que a Matilde aparecesse, pois não conseguia encontrá-la.

Dirigi-me ao balcão das informações e depressa percebi que só sabia que a sua mãe se chamava Dona Ju.

Só eu realmente para, ao fim destes anos todos de amizade, não saber traduzir para um nome próprio o «Dona Ju» habitual!

Mas, com a quantidade de pessoas que estavam à minha frente, podia divagar à vontade.

Adoro o meu riso interior, e foi com ele, como aliado, que fui deambulando de nome em nome em busca do correcto, que não fazia ideia de qual seria. Seria Judite? Julieta? Juvenália? Juliana? Ou seria Teodora e, como em criança não sabia dizer o nome, ficou «Ju», para ser mais fácil?

Voltei a ligar à Matilde. Telefone desligado.

Pelo menos, sabia que era Gomes, de apelido.

— Bom dia! Estou à procura de uma senhora que entrou hoje nas urgências, mas não sei bem o nome dela.

Por cima dos óculos, o olhar da senhora do balcão fulminou-me.

— Se não sabe o nome, como espera encontrá-la? Já viu quantas pessoas entraram aqui, hoje?

— Sim, tem razão. Como lhe chamo Ju, acho que é capaz de ser Judite, Juvenália ou Julieta, mas sei que o apelido é Gomes... Isso ajuda?

Enfadada, respondeu com indelicadeza:

— Não tenho cá ninguém com esses nomes. É melhor saber primeiro e vir cá depois. Próxima senha!

Fiquei capaz de rebentar. Saí cá para fora e inspirei todo o ar que pude.

O barulho dos carros estava infernal, a azáfama das pessoas a entrarem e a saírem, as ambulâncias apressadas... O vaivém da vida, que sempre me deixou apreensiva e longe da minha essência.

Poderia ligar à Leonor, mas acreditava que também ela não saberia «traduzir» a Dona Ju, que nos acompanha há anos. Queria

ligar-lhe, sim, mas com mais calma. Afinal, a resposta dela à minha mensagem do dia anterior tinha sido «preciso de estar sozinha agora», e, por isso, não seria bem pensado estar a ligar-lhe assim.

Ainda agora o processo está a começar.

Vermos partir alguém que amamos é muito doloroso.

Principalmente quando tudo fizemos para manter o «imantável», que foi claramente o caso da Leonor. Criou dentro de si um modelo do «marido-perfeito» e atraiu exactamente o oposto. O Ricardo sempre se esteve nas tintas para aquele casamento, e isso era notório para todos nós, excepto para ela.

Um umbiguista nato, que nada mais via que o seu imenso umbigo, abusando, e muito, da bondade inocente da pobre Leonor que, naquela relação, viu constantemente as suas fracturas relacionais expostas, com toda a dor e o sofrimento a elas inerentes. Os seus limites eram constantemente ignorados sempre que descobria mais uma mentira do Ricardo. Confrontado com os factos e com um desprante incrível, levava-a sempre a acreditar que, se algum problema existia, esse problema apenas residia na sua cabeça, pois amava-a e era com ela e com os filhos que queria viver para sempre.

Pobre Leonor, sempre a apanhar as migalhitas e a acreditar que um dia ele ia mudar.

Realmente mudou, mas... de mulher, de casa, de vida.

— Inaaa, Inaaa... Estou aqui, Inaaa...

Ao longe, vi a Matilde a correr na minha direcção. Toda vestida de preto, como habitual, com uma saia pelo joelho que em nada a favorece e lhe despeja em cima pelo menos mais 30 anos. Foi abrando o passo, esbaforida, agarrada à pesada mala cor-de-laranja, prenda de aniversário do Luís, o homem casado com quem mantém uma relação há pelo menos cinco anos.

— Obrigada por teres vindo, Ina. Já estás cá fora há muito tempo?

Abraçámo-nos como de costume.

— Sim, estou, mas não tem importância. Então, a tua mãe, o que se passa com ela?

Pousou a mala pesada no banco e sentou-se, com um suspiro, repetindo convicta:

— Vocês não querem que eu diga, gozam, gozam, mas a verdade é que... tudo me cai em cima, ponto final.

— Até as molas da vizinha — brinquei, para aliviar o peso do momento.

— Bom, a minha mãe agora está bem. Os médicos dizem que é ansiedade, vê só... Tinha uma dor no peito e dificuldade em respirar. Ai, nem sei o que pensar...

Tempestade de granizo em copo de cristal, bem ao jeito da Matilde.

— Então, mas são boas notícias, certo?

— Achas? — perguntou com ar apreensivo.

— Claro, Matilde, não é um AVC nem um enfarte do miocárdio.

Desatou a chorar, descontrolada.

— Tens razão. Ela até já vai ter alta, mas a verdade é que estou cansada de ser eu sozinha para tudo. Imagina tu... disse-me há pouco que a sua ansiedade tem mais que ver com a minha vida do que com a dela...

— Como assim? Com a tua vida?

— Por eu não ter marido para me ajudar nas contas, nem filhos para lhe dar um neto, nem um trabalho que me garanta uma boa reforma... Imagina só o que vai naquela cabeça, Ina.

Continuava a chorar.

Enquanto vasculhava a minha mala à procura dos lenços de papel, vi-a já adiantada a retirar do seu baú laranja um pacote de perfumados lenços, que, assim que foram abertos, me arrancaram um valente espirro.

— Saúde! — disse, esboçando um leve sorriso.

— Obrigada... Pelos vistos, continuo com alergia a esse cheiro.

Ignorando a minha alergia ao eterno cheiro mentolado dos seus lenços de papel, continuava, ofegante:

— Mas... Estás a ver? O que faço eu da minha vida? Como posso eu sentir-me culpada pela ansiedade da minha mãe? Porque é que Deus, ou sabe-se lá quem, não me deu sorte nenhuma?

— Bom, eu posso até compreender-te, mas essa crença que tens enraizada de que não tens sorte nenhuma não corresponde à verdade, Matilde.

A força regressou ao seu rosto, para se defender, como se eu estivesse a acusá-la de alguma coisa:

— Ai, não? Então, o que é isto? Sim, o que é isto? É sorte? Uma mãe completamente dependente de mim e que me acusa de ser uma incapaz? Isto é sorte? Um brutamontes dum pai que ficou a dormir, enquanto vim a correr para o hospital com ela? Um estupor dum gajo que diz, há cinco anos, que vai largar a mulher e que a esta hora está com ela de férias em Cabo Verde, enquanto eu estou aqui a pensar? Um trabalho de merda, onde sou mal paga e não sou reconhecida? E até, a cereja no topo do bolo, um gato com diarreia há três dias, a sujar-me a casa toda e eu sem dinheiro para ir com ele ao veterinário? Ó Ina, tu e as tuas psicologias... Desculpa lá, se isto é ter sorte, como será então ter azar?

Calei-me. Não era hora de ajudar a Matilde a olhar para dentro de si e a reconhecer a responsabilidade que ela própria tem sobre a «pouca-sorte» que diz existir na sua vida. Afinal, o que faz ela para alterar toda esta dinâmica que sente que está a destruí-la?

— Agora mesmo, vou buscá-la lá dentro, completamente pedrada, levá-la para casa e... livre-me eu de dizer que tenho de ir trabalhar — desabafou revoltada, mas mais fortalecida.

— Mas tens de ir trabalhar ainda?

— Não, não tenho. Mas também não quero passar a tarde com ela, a ver o João Baião, só para não ficar sozinha... Estou farta, farta, farta! E o outro, em Cabo Verde, no bem-bom, completamente fora da minha realidade, a fingir que se interessa muito

por quem sou, com SMS carinhosas e cheias de corações, a dizer que está com ela mas que é em mim que pensa, quando nem imagina a falta que me faz e o quanto me sinto só nesta merda toda.

— Ele sabe que vieste para o hospital?

— Achas? — disse, franzindo o sobrolho. — Eu enviei-lhe uma mensagem, mas, até agora, nadinha... Se calhar, não tem rede ou tem o telefone desligado para a mulher não desconfiar de nada.

— Tu ainda acreditas mesmo que ela não sabe da vossa relação, Matilde?

— Até pode desconfiar, mas, saber, acho que não sabe.

Baixou os olhos e passou a mão levemente pelo cabelo preto.

— Porra, até deste cabelo estou farta! Hoje, tenho de o lavar, pode ser que me ajude a lavar os miolos — disse, fingindo ignorar o tamanho da dor que o seu coração estava a sentir.

— A propósito e mudando de assunto, como se chama mesmo a tua mãe?

— Ju... — respondeu surpreendida. — Porquê?

— Olha, porque queria perguntar ali na recepção e só sabia que eu lhe chamava Dona Ju.

— Ah, já percebi. Pois é, tens razão. Às vezes, repetimos tanto o diminutivo, que nem nos lembramos que desconhecemos o nome verdadeiro.

Tal como tu, querida Matilde, quando dizes tantas vezes «tudo-me-cai-em-cima», que nem te recordas que essa não é a verdade da tua vida.

— Chama-se Gertrudes Gomes Matias.

Sorriso, encantada com a história. Nem Juvenália Gomes, nem Julieta Gomes, nem Judite. Nada começado por «Ju».

Gertrudes Gomes Matias.

As aparências podem iludir e o que parece óbvio nem sempre o é. Gosto destes sinais subtis com que a vida me abençoa.

5

A praia está deserta. Gosto desta imensa sensação que é imaginar este mar só para mim. Chamo-lhe «o meu quintal».

Quem sabe se sofro de alguma espécie rara de egoísmo, que só com a idade se vai revelando? Ou, quem sabe, não será apenas fruto de viver aqui, de braço dado com ele, podendo percorrer logo pela manhã quilómetros de areia ao som da liberdade das gaivotas, que desde sempre têm o dom de despertar em mim a vontade de um dia voar tão alto como elas e poder finalmente integrar a sabedoria de quem conhece os recantos da verdadeira liberdade e sabe, assim, elevar-se no céu com a mesma perícia com que repousa na terra?... Sem questionar, sem procurar fundamentos, sem encontrar inocentes nem culpados — somente voar, somente repousar.

A incrível simplicidade da vida, antítese da imensa complicação dos humanos.

Ainda ontem, este mesmo mar galgou o paredão, destruindo a esplanada do canto. Hoje, apesar de robusto, parece bastante mais apaziguado. Tal como nós, que num dia construímos e noutra destruímos.

Num dia, a brisa calma das nossas emoções envolve-nos e leva-nos a acreditar na eterna constância da vida; noutra, mostra-nos que o vento e a tempestade também existem e que servem para limpar, para purificar o que estava em desequilíbrio, apesar de muitas vezes não parecer.

A impermanência do mar nada mais é que a impermanência da vida.

— Inaaa... Nem acredito que estás aqui!

— Por amor de Deus, Sandra, até parece que nunca aqui nos encontrámos e que não nos vemos há 20 anos — respondi, em tom de brincadeira.

— Pois é, sabes como sou, não é? Sempre efusiva e esfuizante... — disse, no gozo, pousando à bruta os livros e a mala em cima da mesa e entornando-me o resto do café.

Ah, pois sei. Se sei, Sandra, se sei.

Do nosso grupo de amigas, a Sandra é mesmo a mais estri-dente. Amargurada pelas suas experiências, mas muito resili-ente, nunca se encostou à sombra de nenhuma bananeira, como ela própria se farta de afirmar. Com um sentido de humor hila-riante, acrescenta sempre que isso nunca aconteceu porque, em Portugal, nunca encontrou bananeira alguma — pois, se tivesse encontrado, encostar-se-ia certamente, mas nunca à sua sombra, pois sempre adorou esturricar ao sol.

Mulher de excessos, tudo é, para ela, ou muito picante ou muito doce ou muito amargo, e o seu dia-a-dia não é mais que o reflexo de todos estes sabores. Desde muito nova que dá aulas de matemática na universidade, e diz com ar de gozo que a sua vida aos 49 anos nada mais é que um teorema de Pitágoras por resolver.

Há nove anos que vive sozinha. Uma solidão escondida, aba-fada, de que não fala habitualmente, mas que sinto que tem a força de lhe morder os calcanhares, principalmente quando acaba-m as aulas e fica com mais tempo livre.

E, se a sua vida é um teorema de Pitágoras por resolver, o seu casamento, esse, foi um «triângulo-isósceles-todo-torto».

Um dia, após 12 anos de casamento, o voo que ia apanhar para Copenhaga foi cancelado e ela voltou mais cedo para casa.

Na sua cama, estava o marido com o seu melhor amigo. No meio de muitos gritos e num ápice, voaram, da janela do seu prédio, num calmo e repousante condomínio privado, as imaculadas peças de roupa dele, ainda vincadas; com elas, logo de seguida e pela porta das traseiras, saíram eles, os dois, a repetirem «não é nada do que estás a pensar».

Pois não, que não era.

Era só a sua intuição que durante anos lhe tinha buzinado aos ouvidos que, pelos seus estranhos comportamentos, aquele homem só podia mesmo ser homossexual. Chegou inclusive a falar-lhe sobre isto, o que o fez reagir zangadíssimo com a forma como ela estava a pôr em causa a sua virilidade.

Pobre Eduardo, nunca conseguiu assumir as suas escolhas.

O seu divórcio foi a mais dura batalha de egos a que assisti. De uma crueldade sem precedentes e de grande exposição no próprio tribunal, pois ele era juiz, mostrou com nitidez até onde o ser humano pode chegar quando as suas feridas falam mais alto. Foi triste ver a mesquinhez das partilhas — até as fotocópias que ele tirou para apuramento dos bens comuns lhe foram escrupulosamente debitadas ao cêntimo. Foram anos de papéis para lá e para cá, de audiências e mais audiências, de processos instaurados por isto e por aquilo; enfim, o muro da insensibilidade que se edificou entre aquelas duas pessoas maravilhosas, que um dia escolheram amar-se e partilhar as suas vidas, parecia não ter fim.

Finalmente aconteceu o divórcio. Enquanto a raiva da Sandra continuava em ebulição, o Eduardo foi encontrado morto no carro que estacionou à entrada da porta dela. Suicidou-se com veneno de ratos.

Sei que uma parte dela morreu ali também. Ficou com um património imenso, mas envenenada pelo enredo que lhe entrou pela porta dentro. A culpa esgaçou-a interiormente. Deixou de comer, de dormir, mas nunca de trabalhar.

Com tudo isto, o filho, que vive nos Estados Unidos, revoltado, não mais lhe falou.

— Sabes, Sandra, a vida é como o mar: traz e leva — disse-lhe, com ternura, interrompendo-lhe a leitura.

— Já vi que estás inspirada. — E sorriu.

Tirou os óculos de ver ao perto, levantou ligeiramente o rosto e acendeu um cigarro.

— É verdade, Ina. A vida é como o mar. Traz e leva.

«As feridas de uma mulher, de uma ou de outra forma, são as feridas de todas as mulheres.»»

Inspirado em factos reais, este livro fala-nos de quatro mulheres que, pelas mentiras, desilusões e rupturas que viveram nas suas vidas, vão percebendo que a solidão é muito mais do que a ausência de companhia.

Entre ventos calmos e gigantes tempestades, todas elas sabem que as *asas de uma mulher* nascem das penas conquistadas pela dor da perda, pelo abandono e pelo desamor, e crescem da vontade de ser maior e de voar mais alto. As quatro amigas tornam-se fortes quando enfrentam o medo da solidão com a coragem de deixar para trás o pequeno céu, onde já não conseguem voar, rumo a um céu maior que sabem existir.

É um percurso nem sempre fácil, em que, aos poucos, ao sabor amargo da solidão sucede o regenerador prazer da solitude — estado sagrado de conquista plena, de reencontro consigo próprias, onde não existem espaços vazios, apenas verdade.

**Um livro que encherá o seu coração de esperança
e da certeza de que, aconteça o que acontecer,
tudo está certo para aquilo que precisa de aprender
e para que o seu propósito na Terra seja cumprido.**

Leia também,
da mesma autora:



nascente
o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-8855-70-1



9 789898 855701

Desenvolvimento Pessoal